

PARA QUE SERVE AFINAL A FILOSOFIA ?

Moacir Gadotti

Em fins de outubro de 1978, um grupo de professores de filosofia, reunidos em São Paulo sob os auspícios da **Sociedade Brasileira de Cultura Convívio** para tratar do tema "o ensino da filosofia", surpreendeu os meios filosóficos pelas posições "derrotistas" expostas. A reação da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), regional do Estado de São Paulo, não se fez esperar, denunciando a tônica das exposições e debates que, dizia, era de uma nítida servidão da filosofia "às necessidades tecnológicas do país e ao atual mercado de trabalho, tal como vem sendo definido e limitado pela legislação em vigor". O encontro, no qual pontificou o presidente da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, Tarcísio Padilha, parecia justificar e manter a inexistência da filosofia no sentido secundário; além disso, sugeriu também a eliminação do curso de graduação em filosofia sob o pretexto da inexistência de um mercado de trabalho. Esse curso seria substituído por "cursos de especialização" abertos a outras áreas, que poderiam interessar-se, eventualmente, na continuação de seus estudos em cursos de pós-graduação. Aos novos "especialistas" da filosofia (da física, da química, da veterinária, do futebol etc.) caberia a tarefa da docência e da pesquisa de acordo com a realidade nacional.

Se essas coisas foram ditas por "filósofos" podemos com razão, perguntar: o que justifica ainda a filosofia ? Ou os filósofos não estariam mais tomando a sério a filosofia ?

Proponho-me a refletir um pouco sobre essas questões que o debate (polêmica) está abrindo, de um lado sobre os filósofos (sempre indesejáveis) mas que parecem agora justificar a sua indesejabilidade, e, de outro, sobre a realidade um tanto deprimente dos nossos cursos de filosofia. Uma coisa está ligada a outra: não será um pouco por causa dos filósofos que a filosofia atrai pouca gente ? Ou será o contrário ? Acusar o "mercado de trabalho" parece muito cômodo. A verdade é que a questão da filosofia não é filosófica. Ela não pode ser vista "em si" como os filósofos metafísicos e idealistas a vêem. É preciso perguntar que filosofia está sendo rejeitada e que filosofia poderia ser aceita.

Os regimes políticos de direita nunca toleram o ensino da filosofia e das ciências sociais. A supressão do ensino da filosofia e das ciências sociais está na ordem das coisas da rentabilização capitalista. Toda pesquisa e todo o sistema escolar capitalista precisam estar atrelados ao capital. Neste sistema, a filosofia e as ciências sociais não são apenas inúteis, mas igualmente subversivas. Daí portanto a necessidade de suprimi-las paulatinamente, "lenta e gradualmente". Sua tarefa é facilitada enormemente por uma filosofia sacrossanta e "perene" que se reserva a iniciados ou especialistas, que medeia entre o capital e a busca de uma reflexão radical, a qual será sempre **profanadora e inacabada**.

Na ordem do sistema capitalista, a única filosofia tolerada é a filosofia da alienação. O capital precisa cada vez mais de homens alienados. Os padrões não

contentes com uma mão-de-obra disciplinada que abandona anualmente o quartel (a "boca do forno", na expressão de empresários cariocas) após o serviço militar, esperam agora que a escola despeje regularmente uma mão-de-obra especializada, mas sem formação geral e política, programada em função das exigências do sistema capitalista. As discussões sobre a opressão e a ditadura certamente não terão lugar numa classe de física ou de matemática. Cientes disso, os regimes de direita, em vez de aposentar simplesmente os professores indesejáveis (embora os países mais atrasados ainda o façam), preferem agora recuperar o terreno sobre o qual crescem essas "ervas daninhas". Daí a "inexistência" do "mercado de trabalho", armadilha na qual caem inocentemente nossos filósofos.

A filosofia "inocente" desses filósofos que estudam os grandes filósofos em grandes cursos de moral e de metafísica, mesmo assim, é pouco perigosa, mas não deixa de ser pouco rentável diante dos olhos dos tecnocratas. Já que as "ervas daninhas" de uma filosofia de oposição ao capitalismo encontra hoje resistência e terreno árido para brotar, os tecnocratas atacam a filosofia submissa e obediente, o pouco que restou, com medo de que talvez essa filosofia, a filosofia dos filósofos, dos especialistas, possa "converter-se". Diante desse estado precário do ensino da filosofia e da "inocência" de bom grupo de filósofos tem razão a Associação de Professores e Estudantes de Filosofia do Estado de São Paulo de se inquietar. Como resistir aos tecnocratas de um lado e aos filósofos-pelegos de outro ? Como resistir aos filósofos que preconizam o desaparecimento do ensino da filosofia para amanhã, e hoje desprezam a defesa de interesses corporativos ? É a situação paradoxal dos filósofos que contestam em nossa época a tecnocracia e o consumismo e pensam uma filosofia servindo aos interesses dessa mesma tecnocracia. A falência deles é também a falência de uma filosofia que os tornou "escravos" há um tempo da teologia e hoje (numa época em que esta não precisa de escravos, pois está atingindo a sua maturidade) da tecnocracia. A filosofia deixou de ser o lugar do debate dos grandes (e graves) problemas do homem contemporâneo. As ciências humanas a estão substituindo justamente por isso. Pretensiosamente, a filosofia dos especialistas, dos filósofos por profissão, recusa-se a tratar dos problemas concretos e urgentes do homem, para servir às organizações políticas e econômicas do capitalismo.

Em resumo, a filosofia volta a ser contestada hoje até pelos filósofos. De um lado, nossos governos a acusam de veicular noções pouco úteis ou, pelo menos, não adaptadas às exigências de um país em "desenvolvimento acelerado". O ensino da filosofia vem sendo boicotado sistematicamente e, dando lugar para conhecimentos "sólidos", "úteis", "práticos". De outro lado, pode-se, com razão, criticar o ensino de certa filosofia dogmática, em nome da qual a classe dominante (o nosso complexo industrial-militar-político) faz passar a cultura burguesa e os valores moribundos de um humanismo estéril. Esta filosofia vende agora suas armas aos tecnocratas, dando-lhes razões suplementares.

Neste caso, todos parecem estar contentes quando são os próprios filósofos que puxam a fila do enterro da filosofia, após sofrer assassinatos sucessivos. Teme a SEAF de São Paulo que mais um pacote (desta vez "filosófico") esteja por vir: "são projetos hipotéticos, levianos talvez, ou manifestações de tendências bem caracterizadas que apenas esboçam um último bote contra o que restou da filosofia ? " Seja como for, escondam ou não o seu jogo esses filósofos, o fato é que a filosofia caminha, entre nós, para uma verdadeira profissionalização, com seus "peritos" (já

não sacerdotes) preparando "peritos": filósofos-profissionais para preparar filósofos-profissionais para preparar filósofos-profissionais... Aos que tiverem "vocaçãõ" para entrar num círculo vicioso e fechado, com seus grupos, centros sociedades, conjuntos etc. o futuro está garantido (apesar de filósofo) desde que jurem o credo filosófico. Quando todos não podem ser filósofos, que o sejam apenas alguns, os escolhidos pelos seus dons naturais!

Isso tudo é um pouco da falência do nosso sistema de ensino voltado para a discriminação, incapaz de desenvolver em todos a capacidade de pensar. Nesse contexto, os filósofos por profissão (os eleitos do Olimpo) são mais perigosos para a democracia do que aqueles que combatem a filosofia. Estes o fazem em nome de algum valor confesso, declarado, ostensivo; aqueles defendem apenas o privilégio de filosofar, não querendo eliminar o privilégio para estender a filosofia a todos, reconhecendo que todos somos filósofos. Como dizia Gramsci, "o fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato **filosoficamente** mais importante e **original** do que a descoberta, por um "gênio filosófico" de uma nova verdade que permaneceria patrimônio de círculos restritos de intelectuais"(1). É verdade que o privilégio de filosofar é um privilégio de "filósofos", isto é, de pouquíssimo valor face aos privilégios econômicos ou políticos da classe dominante. É apenas um ganha-pão dos cães de guarda dessa classe e que falando em seu nome, reservam-se a "nobre" tarefa de dizer coisas incompreensíveis à maioria dos mortais. Quando esses filósofos não são ideólogos da classe dominante, são meros tradutores, continuando a história de uma filosofia importada. A rigor, é preciso dar razão a Roland Corbisier que afirmar: "um retrospecto daquilo que, com extrema generosidade semântica, se costuma chamar de história da filosofia no Brasil, nos mostra que a nossa filosofia jamais passou de mero reflexo ou reiteração da filosofia européia, sempre com várias décadas de atraso"(2). Os filósofos brasileiros não são suficientemente corajosos para pensar por eles mesmos e por seu país.

Leio com espanto na conclusão de um jovem filósofo brasileiro, Hilton F. Japiassu, escrevendo na Revista **Convivium** (nº 2, 1975, pág. 170) um artigo intitulado **para onde vai a filosofia?**: "se são as **idéias** que movem as coisas, são os elaboradores de idéias, os que nada sabem **fazer**, que fornecem os mais poderosos instrumentos para que o mundo seja feito, refeito ou transformado". Só faltaria Japiassu acrescentar a palavra de ordem da classe dominante brasileira: que alguns pensem e que a maioria faça, que os senhores mandem e que os escravos executem, nós podemos ser os guardiães de vossa liberdade de pensar! Entre nós os filósofos continuam repetindo as conclusões do velho idealismo alemão já criticado há mais de um século por Marx. É essa filosofia que está sendo ensinada ou veiculada através dos nossos manuais escolares (essas "belas mentiras"), a filosofia dominante, alienada e alienante, medida do nosso filósofo. É ainda o mesmo filósofo que Marx descrevia em 1844 na sua obra **Economia e filosofia**: esse "tipo abstrato de homem aliando (que) se toma por medida do mundo alienado. Toda a história da alienação e toda a abolição da alienação não são a seus olhos senão a história da produção do pensamento abstrato, absoluto, do pensamento lógico, especulativo". Antes de perguntar se é preciso ensinar a filosofia, se "o mundo precisa de filosofia", antes de colocar a alternativa "a favor ou contra filosofia" é preciso responder à pergunta: que filosofia?

Para que serve afinal a filosofia?

Hegel dizia que a filosofia é a única disciplina que coloca o problema de todos os problemas, a questão de todas as questões. Salvo nos Seminários Eclesiásticos onde a filosofia sempre foi uma forma de preparar ideologicamente os futuros ministros

para o exercício de sua missão teológica, o ensino da filosofia (concebida sempre como disciplina e não como conjunto de questões) nunca foi nossa maior glória. Aqui, ela nunca teve um passado muito glorioso. Nossas classes de filosofia no segundo grau nunca ocuparam um lugar fundamental. Não formaram gerações. Por isso ela sempre foi inofensiva. Já no ensino superior ela se tornou uma especialidade (em extinção) como qualquer outra, ou pior. O círculo dos "filósofos" estreita-se em sociedades fechadas. Os filósofos falam aos filósofos. Girando sempre sobre os mesmos não se pode estranhar que hoje a filosofia esteja agonizante. Preocupada em formar discípulos para perpetuar-se, paradoxalmente, a filosofia está morrendo asfixiada, sufocada; porque não está servindo, a não ser àqueles que se destinam a uma função filosófica, àqueles que fazem dela uma profissão. Os filósofos que fazem da filosofia uma especialidade estão fechando as portas para asfixiá-la quando deveriam é derrubar os muros que a separam dos reais problemas dos homens, das massas, enraizando a **reflexão** na **práxis** e nutrindo a **práxis** pela **reflexão**.

A Filosofia pode servir para a formação do espírito crítico, com exceção da filosofia dogmática, essencialmente afirmativa; pode servir à análise reflexiva da situação do nosso estudante e do nosso professor e, sobretudo, daqueles a quem é negado pensar ou freqüentar a escola. Mas para isso é preciso que ela abandone a tradição de se perder no impessoal, no abstrato em si, para escutar e perceber o trabalho pelo qual o homem se constrói a si e a sociedade.

Por isso, a filosofia, o exercício do livre debate, é uma necessidade; é o negócio de todos: ensinar e aprender a **problematizar** o que parece evidente, necessário, correto; ensinar e aprender a **contestar** inclusive o pontificado dos filósofos e o museu dos seus grandes "clássicos".

O grande problema ("o problema dos problemas") da filosofia hoje, entre nós, é justificar a sua própria existência: quando não está com excesso de pretensões ela não sabe para que serve. A filosofia não tem o monopólio do pensamento e o pensamento não tem o monopólio da verdade: as coisas importantes passam ao lado dela e dele. A grande questão da filosofia é ela mesma. Prisioneira dela mesma (numa ontologia imaginária) é preciso que volte contra si mesma as armas que aponta a todo o conhecimento humano. A sua própria desmistificação, o reconhecimento dos seus limites e o reconhecimento de sua dependência do econômico, do político, da história, são as **exigências** que ela deve aceitar para que o que ela reivindica tenha peso. Como François Chatelet mostrou no seu livro **A filosofia dos professores** (3) deve ela utilizar o lugar que é o ensino da filosofia para criticar esse mesmo ensino, seus programas, os exames, para denunciar o imperialismo do qual ousa ainda se prevalecer a especulação, para mostrar claramente qual foi a função da filosofia no passado e qual é atualmente: a legitimação e, ao mesmo tempo, o aroma espiritual da ordem burguesa. Paradoxalmente é a própria filosofia que nos permite contestar impunemente o sacerdócio filosófico.

A Filosofia, a arte e a religião igualmente, serviram muitas vezes como álibi, como ocasião de fuga da realidade concreta para um mundo imaginário e impotente, desempenhando o papel de um verdadeiro ópio, não chegando a nada, não conduzindo a nenhuma mudança profunda, ao contrário, engajando-se fortemente na manutenção e na continuidade das coisas. Pode-se por isso falar com alívio anunciando a "**morte da filosofia**". Contudo, é preciso saber o que significa isso, o que significa expulsá-la do ensino secundário, expulsá-la da graduação na Universidade e do con-

junto das ciências. Trata-se da crise de tudo o que pensávamos saber sobre o homem, a crise do nosso mundo e de nós mesmos? É por isso que não queremos mais ensinar a filosofia? "Se é isso, responde Claude Pantillon, parece inevitável. Se, igualmente, por morte da filosofia entendemos que não é mais possível ficar pura e simplesmente amarrados aos nossos ancestrais pelas tradições filosóficas, então, certamente, a filosofia está agonizante, o que não significa, de maneira alguma, que essas tradições não tenham mais nada a nos dizer, mas apenas que isso não é tão evidente como no passado e hoje elas devem ser examinadas com cuidado. A morte da filosofia significa que a filosofia está por se fazer, a refazer e ninguém deverá inquietar-se por isso, pois todas as grandes filosofias foram sempre por sua vez a resposta a tais crises" (4). Como bom filósofo Claude Pantillon sabe tirar partido, dialeticamente, da própria crise da filosofia que não é um fenômeno brasileiro, atingindo também todos os países que não souberam renovar-se, traíndo a própria tradição filosófica de duvidar, de contestar, de inquietar e de buscar.

Nesse sentido, cada vez mais o filósofo me parece como o homem da **suspeita**, o homem que não duvida apenas, mas vai além da dúvida, suspeita sistematicamente e sobretudo das evidências, das coisas que se apresentam de forma definitiva, das coisas claras; suspeita que há sempre algo que não se mostra, que está escondido atrás das aparências, suspeita da parcialidade daquilo que vê, daquilo que as ciências apresentam como definitivo. Por isso é o homem da **atenção**, irreverente por vezes. É também o homem da **ironia** diante das coisas seguras, pois é seguro de que nada é seguro, seguro de que todas as posições dogmáticas são também parciais, seguro ainda porque, apesar dos filósofos, para expulsar a filosofia da humanidade seria preciso expulsar também todos os homens: o mundo pode existir sem filósofos, mas porque não, pode também existir sem homens!

NOTAS:

- (1) Antônio Gramsci, **Concepção dialética da história**, Rio, Civilização Brasileira, 1978, pág. 13.
- (2) Rolando Corbisier, **Filosofia e crítica radical**, São Paulo, Duas Cidades, 1976, pág. 104.
- (3) François Chatelet, **La philosophie des professeurs**, Paris, Bernard Grasset, 1970, pág. 158.
- (4) Claude Pantillon, **A propos de l'acte philosophique**, Universidade de Genebra, 1974 (texto inédito), pág. 2.